

*Ana Maria Maçalhães
Isabel Alçada*

**Uma
Aventura**

**na Casa
da Lagoa**

*Ilustrações de
Arlindo Faundes*

Capítulo 1

Glória na piscina



Depois de uma manhã na piscina a ter aulas de natação, nada melhor do que um bom duche. Teresa, de olhos fechados, deixava a água escorrer pela cabeça, pelos cabelos, pelos músculos, sem pressa nenhuma de fechar a torneira.

— Despacha-te — gritou-lhe a irmã que esfregava vigorosamente o corpo com uma toalha turca bastante velha mas ainda agradável ao tato.

— Calma! Não temos de sair a correr.

— Temos, porque o pai da Glória deve estar a chegar e, se estivermos prontas, dá-nos boleia.

— Não se preocupem, que ele espera — prometeu uma vozinha rouca que soava por entre os jatos de água do duche vizinho. — O meu pai é muito simpático.

— Nós sabemos — responderam as gémeas em coro.

Risos, enxugadelas, portas a bater, escovas no ar, salpicos na cara, lá se foram vestindo as três, vendo circular no espelho as outras nadadoras que entravam e saíam do banho. Como era o último dia de treinos despediram-se das colegas, na maioria raparigas fixas que não tinham tido tempo de conhecer melhor. A única amizade que resultara daquela experiência era precisamente a Glória, por várias razões. Tinha-se tornado notada logo no primeiro dia devido ao estranho brilho dos seus enormes olhos azuis.

— Parecem ter luz por dentro — comentara o Pedro.

— Como se fossem lanternas.

— Lanternas, João? Faróis! No mínimo, faróis — dissera o Chico, ansioso por impressioná-la com um dos seus mergulhos especiais.

Afinal ficaram todos de boca aberta quando a viram atirar-se à água e nadar em grande estilo. As gémeas ainda pensaram que talvez resolvesse armar-se em boa, mas enganavam-se. Glória era divertida,

comunicativa, simpatiquíssima. Meteram conversa, entenderam-se bem, e como o pai ia quase sempre buscá-la num jipe de 8 lugares e moravam para as mesmas bandas passara a dar-lhes boleia. Sendo um homem de agir por impulsos, se parava junto ao café era capaz de os convidar a todos para lanchar. Nas bombas de gasolina tão depressa comprava e distribuía jornais sem interesse nenhum como oferecia e gabava imenso gelados que ele próprio nunca provara e depois ria à gargalhada se fossem péssimos. Os rapazes deliravam com ele e as gémeas também. Quando saíram da piscina, encontraram-no na galhofa com os amigos à conta de um jogo de futebol.

Mal se aproximaram, o Nuno, era assim que o pai da Glória queria que o chamassem, abriu os braços, abanou a cabeça e olhou para a filha com uma expressão desolada.

— Azar, Glória! Nada feito!

— De que é que está a falar, pai?

— Das férias. Por muito que te custe, vais ter de passá-las sozinha comigo porque os tios e os primos afinal não podem vir.

— Porquê?

— Por causa daquelas alergias infernais que atacam sobretudo no verão. Há dois anos ficaram de cama, lembra-te? Este ano parece que não estão tão mal, mas o médico recomendou tratamento de águas nas termas.

Glória ficara visivelmente desanimada e com razão. Nas primeiras semanas de férias tinha ido com a mãe, o padrasto e o irmão para uma praia onde não conhecia ninguém. E tinha-se queixado.

— São amorosos, mas foram dias de neura. Da minha idade era só eu. A casa não tinha rede para internet, o som da televisão tinha de estar sempre muito baixinho para o bebé dormir. Houve uma invasão de algas e outra de melgas, enfim, foi a maior seca.

Contava com os primos para se divertir no período em que ficava com o pai e a notícia deixara-a infelicíssima. O pai trocou um olhar de compreensão com os rapazes, depois tentou animá-la.

— Já viram a cara dela? Parece que eu sou chatíssimo. Acham-me chatíssimo?

— Ó pai, não é nada disso!

— Eu sei. Mas como não há nada a fazer, paciência. Vamos para a Casa da Lagoa e havemos de nos divertir imenso a remar, a escalar, a andar de bicicleta, a fazer piqueniques estrambólicos em sítios exóticos.

Virando-se para o grupo, perguntou:

— Não acham um programa ótimo?

Glória não os deixou responder.

— Essas propostas são giras mas parece-lhe que resultam só com nós os dois? No segundo dia eu estou farta e o pai também.

— Hum... se calhar tens razão.

Durante uns segundos ficou em silêncio a olhar para ela e talvez a imaginar ambos maçadíssimos numa tal canoa vermelha de que já tinham ouvido falar. De repente, porém, num daqueles impulsos que lhe conheciam, interpelou o grupo:

— Querem vir connosco? A casa é enorme, há lugar para todos e então sim, divertíamos-nos imenso.

Vendo-os perplexos, pensou que tivessem outros planos e reconverteu o convite:

— Se não puderem vir todos, venham alguns. Eu levo quem estiver livre.

— Para onde vão? — perguntou o Chico.

— Para a nossa nova casa, uma casa fabulosa que comprei há pouco tempo. Fica à beira de uma lagoa sensacional e é linda de morrer.

— E quando partem? — perguntou a Luísa

— No sábado.

Teresa completou a pergunta da irmã:

— Quanto tempo lá ficam?

— Uma semana, mais dia menos dia.

— Eu estou livre — começou o Pedro.

— Mas...

João cortou-lhe a palavra:

— Livres estamos todos. Só que somos mais dois.

— Ah sim? Então como é que nunca os vi?

— Não viu porque não nadam em piscinas públicas — respondeu-lhe o João com um meio sorriso. — Correm, farejam, seguem pistas, ou seja, são cães. Também os leva?

— Claro! Por que não? Adoro cães.

A partir daquele momento a conversa ganhou ritmo, tornou-se frenética, com trocas de números de telefone e moradas para o pai da Glória poder falar com as famílias

deles e acertar pormenores. À despedida, os olhos azuis de Glória iluminavam um sorriso de orelha a orelha.

— Até sábado! Até sábado!

Capítulo 2

Surpresas em série



A viagem começou com um problema: amarrar a canoa vermelha no tejadilho do jipe. Demoraram bastante tempo à volta dos elásticos e dos ganchos, porque o pai da Glória não era lá muito habilitado mas queria orientar o trabalho e não se calava um segundo. Quem lhe valeu foram os rapazes habituados a conjugar esforços. Quando finalmente se sentaram nos bancos aconchegados entre mochilas e com o *Faial* e o *Caracol* aos pés estavam exaustos, suados, mas bem-dispostíssimos e cheios de fome. Pouco depois de arrancarem, já o Chico perguntava às gémeas:

— Qual é o saco onde vão as empadas?

Nenhum deles estranhou que aquela simples frase lhes fizesse crescer água na boca. Começaram por abrir o saco das

empadas e depois abriram os outros um a um. Espalhou-se no ar um cheirinho bom a comida de piquenique, tão bom que até o pai da Glória pediu:

— Passem aí uma sandocha.

— De quê?

— De queijo ou atum.

Deliciando-se a mastigar pedaços substanciais, nem por isso deixou de falar, mas como falava de boca cheia não entendiam o que dizia.

— «A faffa é ferfeita fãõ affuar...»

— Ó pai, resolveu falar chinês?

Ele riu-se, engasgou-se, pediu água, engoliu de um trago e repetiu:

— A casa é perfeita. Vão adorar!

Durante quilómetros e quilómetros quase não puderam trocar palavra pois ele não se cansava de gabar a casa que tinha comprado. E quanto mais falava, mais pormenores acrescentava:

— Está no meio de uma quinta linda. Atrás há um pequeno bosque. E pelo meio passa um rio com cascata.

— Que máximo!

— Pois é.

— E a lagoa?